

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Responsável: Prof. Vicente Dobroruka

www.pej-unb.org

Universidade de Brasília

IHD - Dpto. de História

Brasília -DF-

70910-900

**"O ESSENISMO COMO *TOPOS* LITERÁRIO: UTOPIAS
BÁRBARAS NA HISTORIOGRAFIA DA ANTIGÜIDADE"**

UFRGS - IX SIMPÓSIO DE HISTÓRIA ANTIGA / III SIMPÓSIO INTERNACIONAL
DE HISTÓRIA ANTIGA DO CONE SUL, 2-6 DE SETEMBRO 2002

"UM OLHAR DISTANTE"

Alexandre Bermudez Bagniewski

História / 8º período

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

O tema deste *paper* é a investigação dos relatos de historiadores antigos quanto a utopias bárbaras (ou seja, relatos acerca de populações não-gregas que viviam em estado de suprema felicidade). O tema é da maior importância para o entendimento da historiografia helenística como forma de auto-análise da cultura grega através da observação do outro.



O essenismo como *topos* literário: utopias bárbaras na historiografia da Antigüidade

O tema desta comunicação é a investigação dos relatos de historiadores antigos quanto a utopias bárbaras (ou seja, relatos acerca de populações, em geral não-gregas, que viviam numa "idade de ouro" por estarem à margem da civilização, i.e. da *polis*). Para isso, vamos utilizar os relatos dos historiadores judeus Flavio Josefo e Fílon de Alexandria sobre um grupo conhecido como os essênios. Segundo esses autores, os essênios eram um grupo de judeus que viviam dentro das cidades da Palestina, mas, de certa forma, isolados do resto da população pelos seus hábitos ascéticos e pela necessidade de pureza ritual. Para os dois autores, nenhum outro povo se igualava a eles em justiça e piedade¹.

A discussão sobre os essênios nas fontes clássicas já vem de longa data e a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto² em Qumran (à margem NO do Mar Morto, Israel), só veio adicionar mais polêmica. A hipótese que identifica os essênios com os habitantes de Qumran³ se apóia basicamente no relato de Plínio, o Velho, autor da *História natural*, que identificou uma cidade essênia, cercada de palmeiras, às margens do Mar Morto. Durante muito tempo se pensou que esta pudesse ser a cidade-oásis de Engedi, na margem oeste, pois se enquadrava melhor na descrição de Plínio. Mas com a descoberta de manuscritos em cavernas próximas às ruínas à noroeste do Mar Morto, na localidade conhecida pelos

¹ Josefo se refere aos essênios nas seguintes obras: *Guerra dos judeus* (BJ), *Antiguidades judaicas* (AJ) e *Autobiografia* (V) e Fílon, em três de seus tratados: *Todo homem bom é livre* e *Da vida contemplativa*. Vol. IX, todos disponíveis pela Loeb Classical Library (LCL).

² Daqui em diante MMM.

³ Qumran, na margem noroeste do Mar Morto, é o local das ruínas e nas suas imediações foram encontrados os MMM.



beduínos por Beit Qumran, até então ignoradas, passou-se a acreditar na hipótese de que as ruínas seriam as da cidade essênia descrita por Plínio.

À medida que os rolos de manuscritos foram surgindo e sendo interpretados, passou-se a estabelecer paralelos entre os textos e os escritores da Antigüidade que traziam descrições da seita essênia (p.ex. Fílon e Josefo). Somente as semelhanças eram levadas em conta e as divergências simplesmente ignoradas. Isto levou a um método historiográfico no mínimo insólito, que coloca as fontes primárias do passado como meros gabaritos, que só servem para confirmar uma hipótese, mas jamais busca entender essas fontes em termos de sua própria autonomia.

A partir da leitura dos autores clássicos em seu próprio contexto, tentaremos desenhar o quadro aproximado de quem eram os essênios, sem que para isso seja necessário o desenvolvimento de paralelos com os MMM. O objetivo é buscar entender a narrativa sobre os essênios no contexto da informação que os autores antigos querem transmitir.

Seguindo este raciocínio, observa-se que o tema dos bárbaros com costumes admiráveis é argumento importante nos autores antigos que tratam dos essênios, e que escrevem em grego para um público também grego. A polaridade que eles supõem pode ser associada a uma distinção mais universal entre gregos no "centro" do mundo e bárbaros na "periferia". Os bárbaros que habitavam os extremos do mundo podiam ser selvagens sem leis, casas ou agricultura, mas, por outro lado, podiam ter criado um paraíso terreno, ou talvez um retorno a uma mítica "idade de ouro". Acreditamos que os essênios tenham provavelmente desempenhado essa função nas narrativas em questão.

A importância da abordagem do tema é a busca, dentro da historiografia helenística, de elementos que nos ajudem a



entender as razões pelas quais esses autores utilizaram narrativas que tratavam de povos bárbaros para ilustrar uma "idade de ouro" perdida pelos gregos. Josefo e Fílon tentaram criar uma imagem dos judeus como o povo que mais se aproximava dos povos descritos pelos autores gregos, como os citas, hiperbóreos e arimáspios descritos por Heródoto⁴ - como se pertencessem a um remoto passado onde as pessoas viviam num estado de perfeição, representado pelo metal mais nobre.

A descrição dos dois autores parece ecoar outras antigas narrativas de autores gregos, como Homero e Heródoto, quando tratavam de povos bárbaros. A prática do ascetismo, a alimentação à base de leite (o que evitava que se sujasse as mãos com sangue de animais), e a prática da comunhão de bens remonta a uma época há muito perdida pelos gregos e romanos. A crença na "idade de ouro" já era bastante difundida desde Hesíodo⁵ e tem sua provável origem na Pérsia⁶. Trata-se de um mito no qual os homens passaram por várias idades, representadas por metais preciosos. A cada idade passada o homem caía um estágio, representado por um metal menos nobre. Assim, a história humana teria começado numa era mítica em que os homens conviviam com os próprios deuses e usufruíam uma terra abundante, sem guerras e sem corrupção. Quando a imperfeição penetrou nessa comunidade paradisíaca, os homens caíram na Idade de Prata e assim sucessivamente até chegarmos à Idade do Ferro, que seria a idade contemporânea daqueles autores.

Nessa época, a noção de um saber bárbaro foi conquistando estabilidade e aceitação entre os que se

⁴ Ver James S. Romm. *The Edges of the World in Ancient Thought*. Princeton: Princeton University Press, 1992

⁵ Hesíodo. *Os trabalhos e os dias*.

⁶ A discussão em torno desse assunto ainda é muito acalorada, embora prevaleça a opinião de que o mito das quatro idades tenha sua origem num passado remoto indo-ariano.



consideravam gregos. Já nos sécs. V e IV a.C. os filósofos e historiadores gregos haviam demonstrado um vivo interesse por doutrinas e costumes estrangeiros e tenderam a conceder-lhes certo valor. A "história" dos estudos de Pitágoras com professores bárbaros já pode ser encontrada em fontes do séc. IV e talvez seja mais antiga.

Os bárbaros aproveitaram em grau inédito a oportunidade de dizer aos gregos, em sua própria língua, algo sobre as suas histórias e tradições religiosas. No entanto, a influência intelectual dos bárbaros só era sentida no mundo helenístico na medida em que eles eram capazes de se exprimir em grego. Os gregos raramente tinham condições de verificar o que os habitantes locais lhes diziam, pois não conheciam suas línguas. Já os habitantes locais, sendo bilíngües, buscavam sempre dizer e escrever o que os gregos desejavam ouvir e ler. Quando não havia necessidade urgente, utilizavam descrições utópicas e idealizadas.; quando havia a necessidade de satisfação de um propósito imediato, apresentavam-se a propaganda, a adulação e acusações recíprocas⁷.

Uma das características singulares do mundo helenístico é o papel especial que os judeus vieram a desempenhar nela, pois continuaram, em suma, convencidos da superioridade de suas crenças e modos de vida e lutaram por eles. No entanto, incessantemente, compararam as suas idéias com as idéias gregas, fizeram propaganda das próprias crenças, absorvendo muitos costumes e noções gregas no processo.

Tendo isto em vista, nota-se a repetição de um tema. Este é o que denominaríamos um *topos* literário, ou seja, um tema que é abordado com o objetivo de aproximar o leitor de uma realidade diferente da sua própria, mas que remonta a

⁷ Arnaldo Momigliano. *Os limites da helenização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. P.14.



um padrão com o qual este está familiarizado. A forma como os essênios são retratados segue esse padrão: ascetismo, propriedade coletiva e hierarquia suprafamiliar que levavam a uma comunidade orgânica com papéis bem definidos.

Aparentemente, Josefo e Fílon serviram-se desse *topos* literário para fazer uma apologia de sua própria cultura, que após as revoltas dos judeus de Alexandria contra os gregos e a da Judéia contra Roma, eram vistos como os grandes inimigos da ordem romana. Para isso, deve-se conjecturar a possibilidade de que eles tenham ido buscar numa fonte comum o único grupo de judeus que poderia se aproximar do padrão idealizado pelas audiências grega e romana, os essênios. A fonte mais provável a ser consultada pelos dois autores seria a obra de Nicolau de Damasco, autor da *Coleção de costumes admiráveis*. Nicolau foi o secretário de Herodes, o Grande, tutor dos filhos de Marco Antônio e Cleópatra e um dos amigos preferidos de Augusto. A posteridade deve a Johannes Stobaeus os 22 fragmentos da *Coleção*, que perfazem sete páginas dos fragmentos dos historiadores gregos de Jacoby⁸.

A *Coleção* constitui o relato mais importante sobre o *topos* que afirmamos repetir-se nas obras dos historiadores gregos. O relato mais significativo para o nosso tema trata dos *galactophagi*, tribo cita que não tinha habitações permanentes e se alimentava exclusivamente de leite de égua. Entre eles não havia conflitos, por terem toda a comida em comum. Eram ainda descritos como supremamente justos por terem propriedade e mulheres igualmente em comum. Desconheciam a família, pois entre eles os mais velhos seriam como pais, os mais novos como filhos e os contemporâneos como irmãos. Homero celebra a memória deste

⁸ Felix Jacoby. *Die Fragmente der griechischen Historiker* (FrGrH). 12 volumes. Leiden: Brill, 1923- (FrGH 90T13).



povo na *Iliada*⁹, que é claramente citada por Fílon e Nicolau de Damasco:

Mísios lutando face a face, e nobres bebedores de leite de égua - nada mais, só leite como seu sustento, estes homens de perfeita justiça.

Além disso, mesmo não havendo fragmentos nas *Coleções* que tratem de essênios ou mesmo dos judeus em geral, Nicolau não os poderia ter ignorado, como nos indica uma passagem de Josefo que fala de Menachem, essênio que teria profetizado a ascensão de Herodes ao trono da Judéia. O próprio Herodes os considerava seus aliados e também não se deve esquecer que Nicolau escreveu sob o patrocínio daquele monarca¹⁰. Nas *Coleções* provavelmente havia uma descrição do povo judeu, já que Nicolau, por tantos anos, conviveu com eles e não poderia ignorar seus costumes peculiares.

Josefo trata dos essênios quase sempre em tom de admiração, e se refere às seitas judaicas como escolas filosóficas, a moda grega. Dentre as três escolas filosóficas relacionadas por Josefo está a dos essênios, que têm como principais características seu ascetismo piedoso, seguirem à risca a Lei legada por Deus através de Moisés, o legislador dos judeus e por terem todos os seus bens em comum. Josefo identifica o modo de vida dos essênios com o dos pitagóricos, escola filosófico-religiosa conhecida dos gregos. Além disso, estabelece um paralelo com outro povo bárbaro também conhecido dos gregos, os dácios¹¹.

Fílon de Alexandria, judeu da Diáspora e filósofo platônico que escrevia em grego, nos deixou dois

⁹ Homero. *Iliada* 13.1-9.

¹⁰ Ben Zion Wacholder. *Nicolaus of Damascus*. Berkeley / Los Angeles: University of California Press, 1962. P.31

¹¹ Josefo. AJ 18.19.



importantes trechos de sua obra em que aborda o modo de vida essênio¹², colocando-os entre os povos que alcançaram a completa liberdade. Além disso, o filósofo estabelece um paralelo entre estes e os *therapeutae*, que podem ter constituído uma comunidade estabelecida nas redondezas de Alexandria¹³. Eram judeus que levavam uma vida ascética e dominavam a arte da cura. Os essênios eram conhecidos por terem as mesmas habilidades¹⁴.

A questão da liberdade é muito importante em Fílon e reflete um *topos* favorito dos historiadores gregos, o de que os povos que se mantêm afastados da corrupta vida urbana se aproximam do modo de vida proposto pelos filósofos gregos, pleno de liberdade e de pureza, através do ascetismo. O tema é particularmente importante para Fílon, já que para ele a liberdade é o que distingue os homens bons dos maus. Isso faz de grupos como os essênios e *therapeutae* povos bons, pois, ao abdicarem da propriedade privada e levarem uma vida ascética e em comunidades afastadas da vida urbana, eles atingiram a perfeita liberdade.

A conclusão que chegamos é a de que, a nostalgia pelo paraíso perdido, causada por esses povos entre os gregos, é um resgate de uma memória mítica do paraíso onde se tem a imagem de uma humanidade ideal que desfrutava de santidade e de uma plenitude espirituais inatingíveis para o homem da *polis*, civilizado e por isso corrompido, uma "humanidade caída"¹⁵. Obviamente esse era um retrato idealizado do que eram os essênios, pois na verdade os referidos autores tinham um propósito bem definido, qual seja o de atingir a

¹² Fílon. *Todo homem bom é livre e Da vida contemplativa*. vol. IX, LCB.

¹³ Fílon. *Da vida contemplativa* 1-2; 11-40; 63-90.

¹⁴ Josefo. BJ 2.128.

¹⁵ Cf. Mircea Eliade. *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992. Pp.80-81.



sensibilidade grega através do resgate de sua antiguidade mítica e assim identificá-los com os judeus, ou com um grupo dentro do conjunto do judaísmo. O estabelecimento de uma identidade com esse passado levaria assim a uma maior compreensão dos valores judeus pelos gregos, através da identificação de uma parte dos primeiros com uma humanidade idealizada inteligível aos últimos.